



## O acesso ao ensino superior: para onde *correm* os alunos?

Para este número da revista, seleccionámos um dos artigos escritos após conhecimento oficial das vagas preenchidas no Ensino Superior, com o título provavelmente inspirado num dos primeiros anúncios da televisão portuguesa *nove em cada dez estrelas usam LUX*. Neste caso, as estrelas são os alunos e um em cada dez não consegue chegar a *sentir o perfume* do Ensino Superior.

O artigo começa por confirmar o que se previa, em relação à diminuição do número de candidatos, que já se verifica desde 2001, analisando as áreas de formação onde ficaram mais vagas por preencher. Bárbara Wong, após salientar o número elevado de vagas nas Engenharias, lembrando que o MCES considera tal facto preocupante por serem áreas prioritárias, refere a grande quebra nos cursos de Educação (menos 31,3%), estando a pensar nos cursos de formação de professores pois afirma "é um valor que se justifica plenamente depois de, todos os anos, se confirmarem as dificuldades que os professores têm para encontrar colocação". Claro que estas dificuldades têm existido e são do conhecimento de todos pela mediação que envolve o concurso de colocação de professores. No entanto, o Ministro da Educação, já adiantou alguns dados de um estudo que está a ser feito sobre as necessidades de professores para os próximos 10 anos, em que referiu, entre outros, a necessidade de professores de Matemática para o 2.º ciclo. Ora, das 198 vagas das Escolas Superiores de Educação para a formação de Professores do Ensino Básico, na variante Matemática/ Ciências da Natureza, apenas 70 (35,4%) foram preenchidas.

Será que todos os candidatos tiveram conhecimento dos dados do referido estudo?

Será que os candidatos ao ensino superior têm informação idêntica, adequada e absolutamente necessária, relativamente a outras áreas de estudos?

E será que se existisse um estudo, por exemplo, sobre a ocupação profissional dos alunos que têm concluído formação na área da Comunicação Social, *justificar-se-ia plenamente* que as 512 vagas (dos cursos designados especificamente por Comunicação Social ou Ciências da Comunicação ou Jornalismo) abertas este ano tenham sido todas preenchidas como, de facto, o foram?

E como resolver o problema de existirem vagas por preencher e continuarem a ficar de fora *um em cada dez* dos candidatos (efectivamente são 13%)? Como mobilizar os jovens para as formações científicas, que são necessidades estratégicas?

Para resolver estes problemas, o sistema educativo tem de ter uma posição activa, certificando-se de que os cursos

# Nove em cada dez alunos conseguiram entrar no ensino superior

### 1ª FASE DO CONCURSO NACIONAL

Estão disponíveis 9463 vagas para a 2ª fase, apenas 61 são da área da Saúde

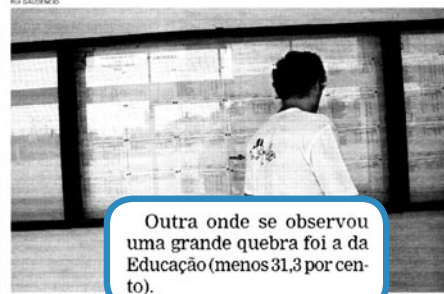
BÁRBARA WONG

Este ano, a história voltou a repetir-se: há mais vagas do que candidatos ao ensino superior. Mas isso não significa que, depois de percorridas as listas, todos os aspirantes à entrada nas universidades ou politécnicos fiquem estufantes. Há pelo menos um em cada dez que não entrou. Relativamente a 2002-2003, a percentagem de estudantes colocados nesta 1ª fase aumentou de 81 para 87 por cento.

Das 41 622 candidaturas, ficaram colocados 36 077 alunos na 1ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior. Seis em cada dez conseguiram um lugar no curso que mais queriam. De fora ficaram 5863 candidatos, que vão ter de esperar pela 2ª fase, para a qual estão ainda disponíveis 9463 vagas.

Desde 2001 que o número de candidatos ao ensino superior tem vindo a diminuir. Este ano não foi excepção: o número de alunos interessados em prosseguir os seus estudos superiores caiu dez por cento, foram menos 4630 do que no ano passado.

Por isso, ao contrário do que as instituições de ensino superior temiam, os lugares disponibilizados — 45 357 — foram mais do que suficientes. Segundo os dados do Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES), a razão entre o número de vagas e o número de candidatos aumentou quatro pontos percentuais em relação a 2002. Também o número



O número de...

cento

Outra onde se observou uma grande quebra foi a da Educação (menos 31,3 por cento).

As áreas de formação onde ficaram mais vagas por preencher são as das Ciências, com uma redução da procura na ordem dos 13,5 por cento, e a das Tecnologias, com 8,7 por cento.

que se trata de áreas que o Governo considera prioritárias para o país.

Outra onde se observou uma grande quebra foi a da Educação (menos 31,3 por cento).

Além disso, há uma quebra na ocupação das vagas, como a Universidade dos Açores, que em sete cursos recebe menos de cinco candidatos. Mas houve cursos que não chegaram a um lugar.

Por exemplo, as inscrições para o curso de Engenharia de Materiais, em Vila Real, ficaram com uma redução da procura na ordem dos 13,5 por cento, e a das Tecnologias, com 8,7 por cento. Nas Engenharias, Industrias Transformadoras

o último colocado ter baixado ligeiramente (1,7 pontos percentuais) em relação ao ano passado, a entrada continua a ser exigente, variando entre 18,58 na Universidade de Porto e 18,15 na Nova de Lisboa.

Segue-se Arquitectura, no Porto (18) e em Lisboa (17,85). E imediatamente abaixo vem Medicina Dentária, Enfermagem, Psicologia

estão a concurso, sobram muito poucas vagas: 61. Dessas, 29 são do curso de Toxicologia da Fala, na Universidade do Algarve, que não preencheu nem um lugar, ao contrário de outros cursos, os congéneres, muito arduos e com notas de acesso muito altas (mais valores). A maioria leccionada politécnicos, é possível que com nota abaixo dos 10. No fundo da lista do Instituto Politécnico de Bragança, no curso de Auditoria, o último colocado colocou 8,1.

Os resultados estão também disponíveis em [www.acessoensupor.gov.pt](http://www.acessoensupor.gov.pt) a partir das 12 horas de hoje, refere o comunicado. Os estudantes terão entre amanhã e dia 30 para proceder à matrícula e inscrição no respectivo estabelecimento de ensino. A 2ª fase de candidatura vai decorrer entre 6 e 19 de Outubro, em que serão postas a concurso não só as vagas

In Público, 23 de Setembro de 2003.

oferecidos correspondem às necessidades de modernização da sociedade e fazendo um acompanhamento mais personalizado dos jovens.

Tomando como exemplo os tão disputados cursos de medicina, em que os ciclos de formação e especialização levam tempo, porque não se abrem mais vagas? A situação actual, para além de uma eficácia duvidosa, não parece responder à esperada falta de especialistas num futuro próximo e mostra que só aparentemente há equidade no processo de entrada no ensino superior. Este mostra-se vulnerável a esquemas enganosos, como o caso da entrada pelo ensino recorrente e não pelo ensino regular (há faculdades em que mais de metade dos alunos vêm do ensino recorrente) e o caso mais recente que levou à demissão de dois ministros.

O nosso Presidente da República, a propósito da divulgação destas colocações no ensino superior, considerou que a falta de apetência dos estudantes portugueses para os cursos científicos é um verdadeiro problema nacional, que a Matemática é uma causa nacional e que deve ser dada prioridade à Matemática, às Ciências e à Inovação. Parece-nos que a sociedade ganharia muito se aplicasse uma visão prospectiva deste tipo ao conjunto de problemas levantados.

Isabel Rocha e Manuela Pires